

ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA



A INSTITUIÇÃO DA SAGRADA EUCARISTIA
(CARLO DOLCI)

Braga, 31 de Março de 1928

NUMERO 317 — ANO VII

Composta e impressa na tipografia da «PAX» — Braga

DIRECTOR E EDITOR,

Joaquim Antonio Pereira Villela

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «*Illustração Catholica*», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

PORTUGAL :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despesa

COLONIAS :

Ano.	64\$00
Semestre	32\$00
Trimestre	16\$00

ESTRANGEIRO :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA* — BRAGA

Telefone, 212

Automoveis e
Camionetes

Rugby

Os carros preferidos pela sua elegancia e
modicidade de preços

STAND RUGBY

Avenida da Liberdade, 32



BRAGA

LIMA, FILHO & C.^A L.^{DA}

Grandes Armazens da Caixa de Crédito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56

Telefone 31 (1.º andar)

:: BRAGA ::

Operações de Credito — Compra e venda de todos
os artigos — Ourivesaria e Relojoaria
Deposito de Maquinas de costura. Fazendas de
lã e algodão, fato feito etc. Especialidade
em CAPAS ALENTEJANAS

Tintos para Igreja

147 — Rua da Cruz de Pedra — 151

BRAGA

A mais antiga tinturaria de Braga, usando
dos processos mais modernos, presta-se a sa-
tisfazer qualquer encomenda para tingir quais-
quer objectos proprios para Igreja, tais como,
paramentos, cortinados, etc. Tambem tinge
vestidos de senhora e fatos para homem. Sa-
tisfaz qualquer encomenda pelo correio.

Pedidos a Manuel José Gomes, Sucessores



ILUSTRACÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica», Limitada

Braga, 31 de Março de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 317



OS ISRAELITAS
atravessam o Rio Jordão e entram
na Terra da Promissão

A Igreja cobre-se de luto. Despe seus altares dos adornos com que antes se engalanava. Sôbre êles morrem, uma a uma, a chama dos círios, que antes ardiam num sacrificio de luz. O órgão silente, não atira ao longo das naves a brandíssima torrente dos seus harmoniosos sons. As doxologias triunfais não acodem aos lábios purpúreos da Espôsa, cuja voz terna, meigo arrulho de pomba, todo o círculo do âno nos extasia em perene louvor. Está de luto a Igreja. Olha para o seu altar, é despido, e nele não corre o sangue do seu Amor; olha para o seu tabernáculo, é vazio, porque lhe foi tirado o Espôso.

E os olhares, entenebrecidos de lágrimas, erguem-se para o altar, onde a imagem divinamente sangrenta de Jesus costuma abrir os braços, num gesto de amor e de bênção, que não é a torsão tremenda de um supliciado, mas a atitude soberana de um dominador que reinou do lenho.

Baldado empenho! Espesso véu rôxo cobriu a face do Triunfador da morte. Rôxo da lividéz mortal, reflectem-se na face da Igreja seus tristes fulgores, porque busca o Amado e o não encontra, viuva do seu Bem. E de novo sob as arcarias do templo ressoam os carmes lutosos do Profeta;

A quem te hei de comparar? a quem te hei de agora assemelhar, ó Filha da cidade formosa de Salem?
Amara mais que o mar, é tua pena;
vir confortá-la... poderia alguém?

E uma a uma se apagam as luzes do altar, e as trevas caem pesadamente sôbre as naves, onde, como ninho abandonado do Espôso, se aninha, rôla chorando mágoas, a Espôsa enternecida.

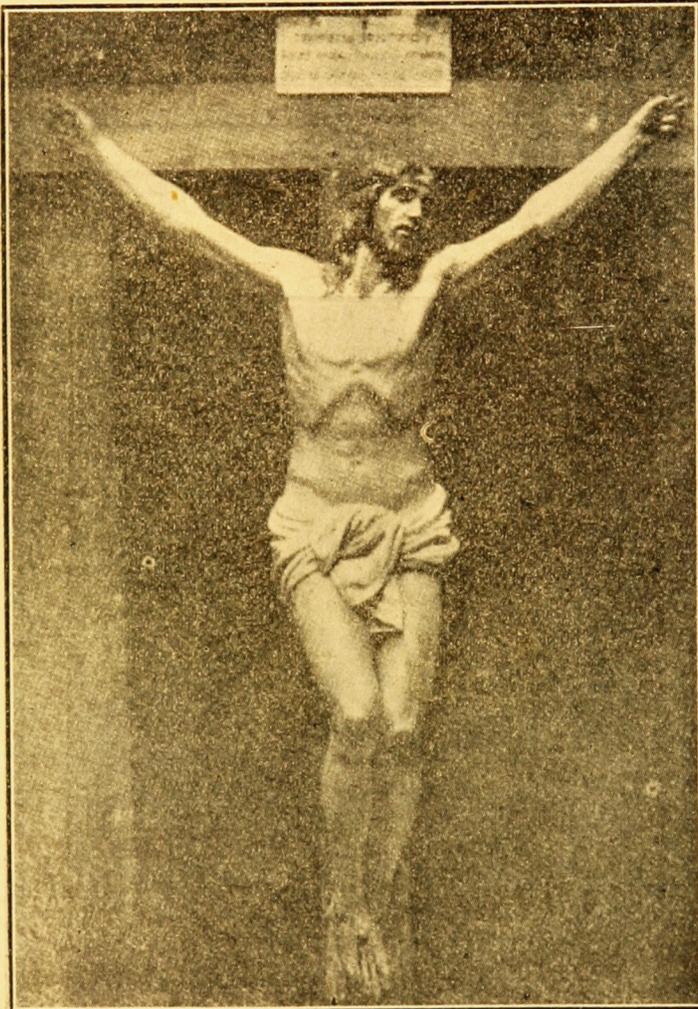
E ela suspira trémula, e chorosa levanta a sua voz em súplicas pedindo misericórdia.

Mas já se descerra a imagem ensanguentada do divino Espôso. Ergue-se a Cruz e nela abriu os braços, para a si estreitar a branda Espôsa, o Espôso divino, seu amor. Ergue-se a Cruz e nela correu em arras nupciais o Sangue precioso do Senhor. Ergue-se a Cruz, e de lá reina através dos séculos, em tôdas as nações o Rei dos reis. E ao ver assim erguido o Madeiro salvífico, em cujos braços pende o seu Amor, a Espôsa diz a sua incomparável ternura, e extasiada louva a Cruz, onde pendente se lhe mostra o objecto estremecido do seu encanto;

Fronde e flôr, e fructo assim
Ramo algum da selva tem:
Doce lenho, doces cravos,
Doce o Pêso que sustem!

E aos suaves acordes de magoado arrebatamento, a voz imensa dos povos faz o côro das suplices estrofes da Igreja: Nós te louvamos, ó Cristo, e bemdizemos, pois pela tua Cruz remiste o mundo!

Tragédia divina que a Igreja recorda, e reproduz, cada dia, sôbre o altar, o Sacrificio do Calvário foi a satisfação perfeita à justiça divina, e o germen da justiça humana, porque foi o principio da Ordem e da Civilização, inaugurando, com o Reino Messiânico, a elevação da humanidade que pôde, nos braços da Cruz, subir até Deus.



CRISTO CRUCIFICADO

(Peres Sejo)

As naves estão cheias de povo, dos filhos dilectos da Igreja, mas sentem a viuvez da candidíssima Espôsa que ao seio os criou. E do meio da turba, em modulações gemebundas, ergue-se o éco da voz do Profeta de Anathoth, chorando, sôbre as ruínas da cidade santa os trenos da desolação:

Como é sôsinha esta cidade, cheia de povo, embora!



ESSE negregado regimen dos soviets que, para vergonha da Europa, ainda existe na desbaratada Russia dos Czars, e que a imprensa mundial pitorescamente apelida — *A grande fogueira* — parece querer chamar a si o exclusivo da tirania e do paradoxo politico.

Agora mesmo, com a Siberia atulhada de deportados, e o seu exercito armando-se até aos dentes, os delegados sovieticos, à Sociedade das Nações, proclamaram, no bisarro areopago de Genebra, a paz universal e o desarmamento absoluto.

Pecam todas as nações, especialmente as chamadas grandes potencias que, para desgraça dos pequenos povos sustem, nas mãos possantes, a rede estreita das altas combinações diplomaticas, na mesma pitoresca attitude, pois sempre que exalçam o desarmamento é de notar maior actividade dos seus arsenais e estaleiros no fabrico dos mais temerosos e variados engenhos militares. A America mesmo, psalmodeou ha tempos com a França amiga, um piedoso protocolo-jeremias, no momento em que o senado yankee votava a construção de novos formidaveis couraçados e *destroyers*. E' vicio velho nas nações, que sendo do sexo fraco, são dotadas de uma curiosa femenil volubilidade, este platonico protestar, mas nenhuma até hoje atingiu o impudor da Russia vermelha.

Emquanto em Genebra os plenipotenciarios russos reclamam a paz, em Lenigrado, em Moscou, fusilam-se diariamente milhares de pessoas, como se ao fausto do regimen barbaro fosse necessario esse ritual sinistro, a pompa tenebrosa dessa parada assassina; as crianças, abandonadas como animais, entregam-se aos mais nefandos vicios, praticam os mais horriveis crimes; os celeiros esviam-se à força das baionetas vermelhas, tintas ainda do sangue dos sacrificios; agentes secretos, com alma cheia de torvos designios e as escacelas recheadas de ouro, semeam, nas quatro partidas do mundo, a discordia e a rebelião. E' esta a paz que os soviets reclamam?

Mas em Genebra os diplomatas da gran-

de feira vermelha, pedem, unctuosos, o desarmamento absoluto no momento solene em que o Commissario do Povo dos negocios da guerra, diz entusiasmado em Moscou, segundo a cronica dum jornalista romaico, ao exercito vermelho:

«Mais do que nunca o estado que é vosso, que é de todos, reclama o vosso esforço, o vosso sacrificio. Preparemos a guerra mundial que ha-de salvar-nos, mas para isso é



ECCE HOMO

necessario centuplicar os vossos armamentos. Nós daremos as armas, os canhões, os engenhos mortiferos; que a Republica dos soviets, suprema gloria do mundo, nos dê os braços que os empunhem»...

E' este o desarmamento que a Russia proclama.

Mas a vergonha, é que a pitoresca assembleia de grandes homens, que não quer ou não pode desgraçadamente, pôr cobro à tirania vermelha tome ainda a serio esse sinistro *vandeville* sangrento.

Porque o ridiculo será deles; a vergonha é que cai sobre todos nós.

José de FARIA MACHADO.

Nuno de Montemor:

Uma auspiciosa iniciativa

NUNO de Montemor é já um nome que Portugal inteiro conhece e pronuncia com ternura. A sua personalidade de escritor revelada, principalmente, pelo *Amor de Deus e da Terra* e pela *Paixão de uma religiosa*, é das mais fortes, das mais insinuan-



STABAT MATER

tes e requintadamente artísticas da Nova Geração.

Ha autores que, quando os lemos, nos entram na alma, e lá ficam a cantar, a vibrar, a erguer harmonias que nos confortam e nos elevam. São os autores como Nuno de Montemor que fazem literatura serena, como quem tece renda de bilros de ouro.

Nuno de Montemor é um poeta no verdadeiro sentido do termo que, nos seus versos tão simples como profundos, nos comunica o que de mais belo e delicado possui dentro de si.

Mas a sua maior glória será a de ter lançado ao vento, como semente divina, a

grandiosa ideia de renovação espiritualista e católica da literatura nacional.

Nuno de Montemor é o Galaaz heroico duma nova Cavalaria Cristã, que se prepara, arroubadamente, para entrar em pleno campo do pensamento, a combater frente a frente com o inimigo.

Agora me lembro, e com comoção ainda, do formosíssimo e impressionante epílogo do *Romance de Amadis* de Afonso Lopes Vieira.

Chega Amadis à Corte de Lisnarte, na Grã Bretanha. Sabendo que Oriana é já tratada por Imperatriz de Roma, fica, a um tempo, sem acôrdo, nos braços de Gandalin. Mas não desespera: Trata de se preparar sem demora e, com alguns companheiros bem liais, caminha em busca da sua Amada. Uma vez na Ilha Firme, é aqui sôbremaneira glorificado. Então, junta os seus senhores e conhecidos e excita-os a um combate imediato. Preparado o que, Amadis põe-se à frente da frota saída, naquela ocasião, daquela terra, e de tal modo se patenteia que, ao cabo de brava peleja, rendem-se as naves romanas. «Então sob Amadis àquela em cujo tope flutua a signa do Imperador, e onde Oriana, dando graças a Deus, posta em joelhos, tinha ouvido, sorrindo, a voz do seu amado! E Amadis liberta e leva para a Ilha Firme — Oriana, Oriana a sem par!...»

Tambem Nuno de Montemor acaba de chegar à Corte das Letras, onde a Arte, posta em joelhos, ouve sorrindo, a sua voz ardente de resgate.

E Nuno de Montemor liberta e leva para a Ilha Firme — a Arte, a Poesia, a sua Oriana sem-Par!

Como Amadis vencera Dardan o Soberbo, desbaratara Abies de Irlanda, convertera Madarque o Gigante, e matara o demoniaco Endriago, também Nuno de Montemor vencerá a soberbia dos acróbatas da imprensa, desbaratará as ambições dos macroglossos far-

fantes e o sanatismo dos panfletários sem pejo.

Não lhe hão-de, certamente, faltar artemágicos, feiticeiros, que o atraíçõem, como Arcalans atraíçoara Amadis, servindo-se da



PRADO (Braga) — O Pelourinho

conivência de Barsinau, senhor da Sansonha. Mas de tudo o seu poderoso espírito reverberante saberá triunfar, com nobreza e desassombro de lial cavaleiro português.

Nuno de Montemor, porque trabalha com a alma em resa, tem seguras as bençãos de Deus.

Ainda ha poucos dias, nos dizia assim o perspicaz e ardoroso autor de *Flávio* :

— «A arte, as belas letras, só valem quando nós as preparamos de modo que Deus se sirva delas como instrumento.

Que Deus se sirva delas deve ser o único fim e o único merecimento a que podemos aspirar.

Nem todos os portugueses nos fazem justiça.

Mais belo é o nosso combate, porque, às vezes, ele se reveste de todos os sacrifícios.

Estamos vitoriosos, plenamente vitoriosos! Mas creia que tem sido uma batalha! Deus auxiliou-nos e vencemos!

A assinatura da *Colecção Vêritas* é a organização prática da vitória.»

Estas palavras, tão quentes como sinceras, entraram-nos na alma como os raios fulgurantes de oiro da melhor esperança.

Outrora, em velhos tempos de encanto e de lenda, tomara Amadis quinhão num repto com Dom Galaor, Brumen de Bonamar, Arban de Norgales e Florestan, repto que consistia em tirar uma espada duma bainha e em fazer florir uma grinalda sôbre a fronte de cada uma das suas bem-amadas.

Nuno de Montemor, um dos mais simpáticos e prestigiosos paladins da Távola-Redonda das Letras Portuguesas, tira também, agora, como Amádis, a espada da bainha misteriosa, e faz abrir, numa florescencia de milagre, uma brilhante grinalda sôbre a fronte da Arte.

Ajudá-lo no seu sublime esforço de restauração e norteamento da Arte literária em Portugal, deve ser, actualmente, o nosso maior empenho.

MOREIRA DAS NEVES.

O verdadeiro ignorante não é quem não sabe — é quem falsamente se persuade de saber.

A mulher é um defeito bonito da natureza.



PRADO (Braga) — Um trecho do rio Cavado

Domingo de Ramos

SALMO

Ao meu nunca esquecido P.^e Mário Pereira

(MEMÓRIA DA INFANCIA)

Doce recordação da doce aurora
Da existência fugaz!
Doce recordação que a mente enflora
D'inocência e de paz!

Que tempo de alegria e de ventura!
Eu era ainda em flor;
Nas mãos trazia ramos de verdura,
No peito, um puro amor;
Vinha do templo; minha mãe, ao lado;
Minha mãe, anjo meu,
Que em breve, do destêrro fatigado,
Voo da terra ao céu.
Mas como suas azas carinhosas
Inda me vem lembrar
Aqui, hoje! — Perfume d'alvas rosas
Embalsamando o ar!

O' lembrança formosa d'esses dias,
Nunca nos vens em vão!
Imagem das primeiras alegrias,
E's vida ao coração.
O coração mais duro se amolece
Á chama dessa luz;
Talvez efeito da amorosa prece
Infantil, junto à Cruz!

Quantas vezes na vida, em fundas dores,
Ante a morte cruel,
Êsses da crença pálidos fulgores
N'alma destilam mel!
Oh! como então se busca o ponto fixo
Dos piedosos céus!
Como é doce abraçar um Crucifixo
E pôr confiança em Deus!
Como os RAMOS DO DIA, as verdes palmas
Do *Passo* triunfal,
Se casam co'a saúde, em nossas almas,
Do amor maternal!

Memórias crentes da apartada infância
Tem virtude sem par,
Tem dos beijos de mãe tôda a fragrância
E dos ramos do altar.

Louvido seja Deus no Firmamento,
por tudo o que, solícito, nos manda:
— Pelo Sol, pela Chuva, Pelo Vento,
pela amorosa Lua de luz branda;
pela Paíslagem fúlgida que brilha,
ao nosso olhar, em hinos multicôres;
por essa alta e dôce maravilha
das Águas, das Alfombras e das Flôres...
Pelo Rócio das Noites perfulgentes,
pelo Cantar das Aves e das Gentes,
pelo Ciciar das Brisas, e o Perfume
dos floridos Rosais, na Primavera.
Pela Alegria rútila e sincera
em que arde na Lareira e canta o Lume!
Pelas Núvens benéficas, preciosas,
que espalham seus tesouros abundantes
e fazem germinar o Trigo, as Rosas...

Louvido seja Deus dos mais distantes
e obscuras regiões até aonde móra.
Louvado pela Noite e pela Aurora,
pelo grato Repouso de quem lida
desde que a Estrêla de Alva amortecida
ao dia empresta a débil claridade!
Pelo Rumor da Vaga que se alteia
e rola e tomba exânime na areia,
Pela divina e mística saúde
que em nós acende o Amor no Apartamento.
Pelo Ideal mais nobre e santo e puro
seja louvado Deus, neste Momento,
no Presente e Passado e no Futuro!

Por Tudo o que se move ou alevanta
e chora ou ri: a Ave, o Fôgo, a Planta...
Por tudo o que nos vem da Mão Eterna
do Pai, que nos sustenta e nos governa,
pela Riqueza, e mais pela Indigência
que nos promete e alcança o Bem dos Céus,
seja louvada a Eterna Providência
da Trindade Santíssima de Deus!

Arnaldo Bezerra.

João de Lemos.

— «UNIR fileiras!» — exclama Nuno de Montemor, erguendo uma bandeira branca onde sangra, pelas Cinco Chagas em santor, a Cruz de Cristo.

Esse brado por vir de quem vem — que Nuno de Montemor conquistava no mundo das Letras patrias um preclaro lugar, escrevendo esse admiravel, profundo e religioso «Amor de Deus e da Terra» e aquela portuguesa e cristã «Paixão de uma religiosa» — esse brado tinha de ser ouvido.

— «Unir fileiras!»

E já um grande estremecimento trespassa o arraial tumultuoso onde se insinuára, em disfarce cristão, a peonagem moira; e já os olhos se levantam ansiosos para a bandeira que o novo Pedro Eremita segura nas mãos vigorosas.

— «A mim, cristãos!»

Rompem, de entre a chusma indecisa e amorfa, os primeiros cavaleiros. Os mais nobres: os que teem solar na Terra de Portugal e fidalgos pergaminhos de Talento, por mercê de Deus.

E' Correia de Oliveira, o Interprete maior da Raça; é Afonso Lopes Vieira, o Poeta-artista; é Manuel Ribeiro, o insigne prosador cristão; é Hipolito Raposo; é o escol dos Novos, a Ala Enamorada da Reconstituição Lusitana, Reconstituição que, para o sêr, tem de firmar-se à sombra augusta da Tradição e erguer-se à luz radiosa de Cima.

Novos elementos vão enriquecendo, dia a dia, a hoste dos Cruzados: daqui a pouco será exercito.

Maravilhado, o arraial deixa-se à embaçadora esperança de novas conquistas, — enquanto os moiros em disfarce, receando o ajuste de contas, aguardam o primeiro grito de «salve-se quem puder»...

Mas hão-de salvar-se poucos.

*

O nosso campo literario, — como, infelizmente, todos os nossos «Campos» — é um autentico... campo de feira.

Por meio de uma lingua, que é de to-

dos, que todos compreendem, criava-se uma babel de escolas, de sistemas, de filosofias dispaes, baralhando tudo, desorientando... De individuo para individuo cavara-se um abismo, — a sombra de uma bandeira estranha.

Assim, o Pensamento-Cristão — Norma eterna e Lei unica — andava ao deus-dará da turba, confundido e nebuloso, afogado muitas vèzes pela joeirada que queria passar por trigo...

E dessa confusão vivia a moirisma, monopolizando, com as suas acrobacias, a atenção inconsciente e parva do grande publico.

Nobres cavaleiros vagueavam, perdidos e abandonados, à mercê do vaivem. E tentavam erguer a voz num protesto, defendendo a Lei, o côro imenso dos Monopolizadores dava-lhes com a porta... do editor na cara. E era assim que a industria livreira do nosso país despejava, sobre um publico que *precisa de lêr*, essas miserias a quem uma pseudo-critica deixa passar com jubiloso visto...

Em que país estamos? A Portugal catolico bastava, por mal dos nossos pecados, a tradição católica...

*

Nuno de Montemor, com o seu generoso empreendimento — ao qual nos referiremos com o merecido vagar — presta um alto serviço aos catolicos de Portugal.

O seu brado de «unir fileiras» foi escutado; e daí à organização — e organizar é vencer — vai um passo pequenino.

Novas e gloriosas conquistas esperam a nova Cavalaria. Com essas duas palavras no estandarte — *Deus e Portugal* — será victoria certa.

TEIXEIRA PINTO.

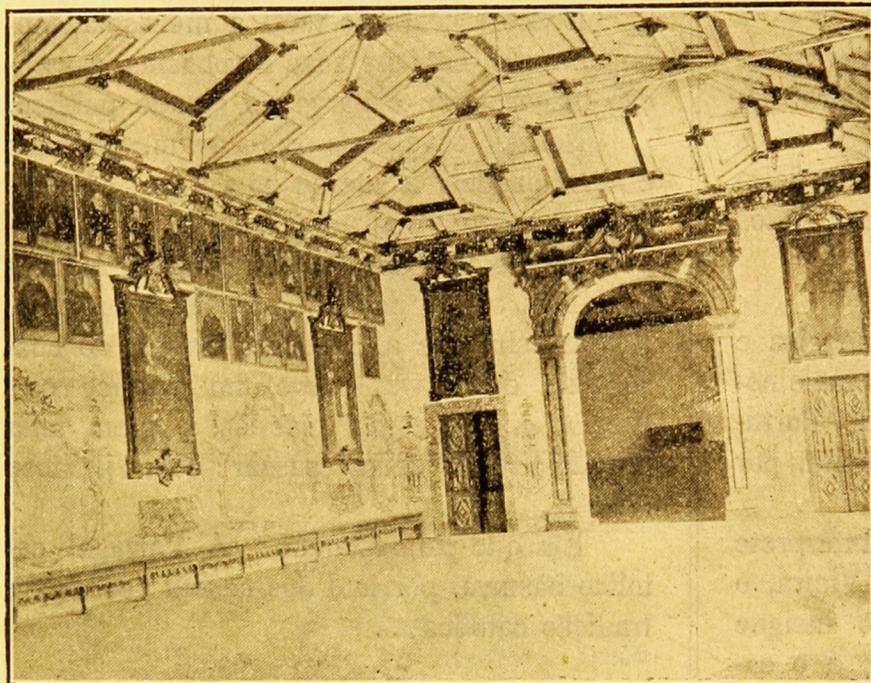


«Julgais valer muito?» perguntava um pedante ao virtuoso e eloquente abade Maury.

— «Pouquissimo, quando me considero; muitissimo quando me comparo.»

Recordações tibanenses

O convento beneditino de Tibães antecedeu a constituição da nacionalidade portuguesa, muito embora a sua traça actual seja moderna, pois o andar dos tempos ia necessariamente introduzindo e supondo modificações na primitiva estrutura. Os mosteiros beneditinos, tais como os concebeu o espirito providencial do patriarca Cassinense formavam como que uma cidade á parte, no meio da civilização medieval. O mosteiro, reunindo homens que se con-



Tibães. — A sala do capitulo.

sagravam ao serviço de Deus em primeiro lugar e sobretudo — a *Opus Dei* — concentrava em si tambem o que bastava para as necessidades temporais dos seus moradores: a horta e o moinho, o campo e o bosque. Cidade de Deus posta no meio do mundo, e superior às coisas do mundo.

São Bento não pensou em criar uma ordem religiosa naquele sentido posterior às mendicantes, que se popularisou nos seculos futuros: foi depois de se estabelecerem varios mosteiros à semelhança de Cassino, que a reunião ou conjunto deles creou as Congregações beneditinas, por meio de relações

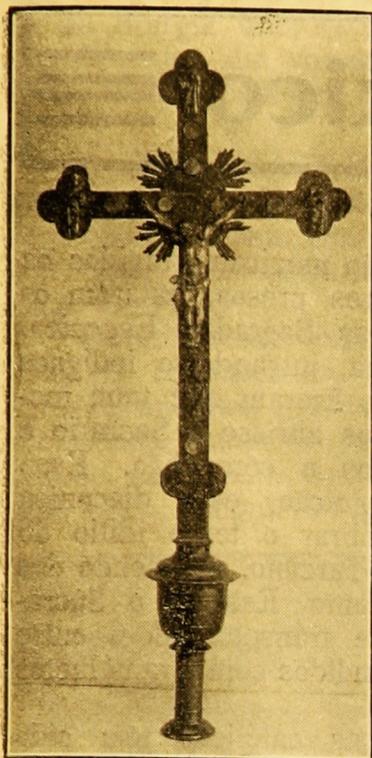
mais intimas entre uma casa dessa regra e outras que dela nasciam na região, ou até em regiões distantes. Mas ainda dentro da Congregação, cada mosteiro permaneceu e permanece com aquela independencia e subsistencia como o ideou e ordenou São Bento.

Não quiere isto dizer que do beneditinismo não procedesse uma complexa acção missionaria. Pelo contrario, foi uma característica sua muito notavel. Mas o beneditinismo não se contentava com os triunfos pessoais, e momentaneos entusiasmos, de arrebatada evangelisação. Enviado a evangelisar um país, firmava-se nele, educava, ensinava; criava as artes, sob os seus dedos alindava-se o românico, surgia o gótico, arroteavam-se os bravios, e nascia a tecnica musical, arborisavam-se os montes e as côrtes semi-selvagens dos germanos transformavam-se em modelos de polidez: a civilização medieval é uma obra beneditina em todos os seus aspectos, desde o agricola ao juridico.

E' assim que S. Martinho de Dume disparte o seu tempo promulgando canones

para o governo da diocese bracarense que lhe fora cometida, e instruções de civilidade para a côrte sueva que dirigia e educou e tornou profundamente catolica, antecipando-se o reino de Braga à unidade religiosa, só muito depois conseguida por Recaredo.

Tal foi a obra beneditina: um trabalho paciente, imponderavel, minucioso. E' extranha aos arrebatamentos quasi revolucionarios que passam como um bolido no ceu da civilização, luz fugace que desaparece. Pertence-lhe antes o scintilar das estrelas, menos brilhantes, porem perduravel. O beneditino, sentia trabalhar para a eternidade:



ninguem exprimiu ainda no movimento catolico, com tanta nitidez o pensar da Igreja: ninguem ainda se identificou tão intimamente com ela.

Tibães foi o centro da restauração neogótica, em terras portuguesas. Dali irradiou por toda a parte a organização da Congregação, em muitas casas e mosteiros que reconheciam a sua primasia, e na civilização portuguesa representou longamente o supremo papel directivo, imprimindo-lhe directa e indirectamente caracter. Os nossos grandes bispos de então foram recebidos em Tibães como irmãos; as nossas ordens militares seguiram a sua regra, adoptada



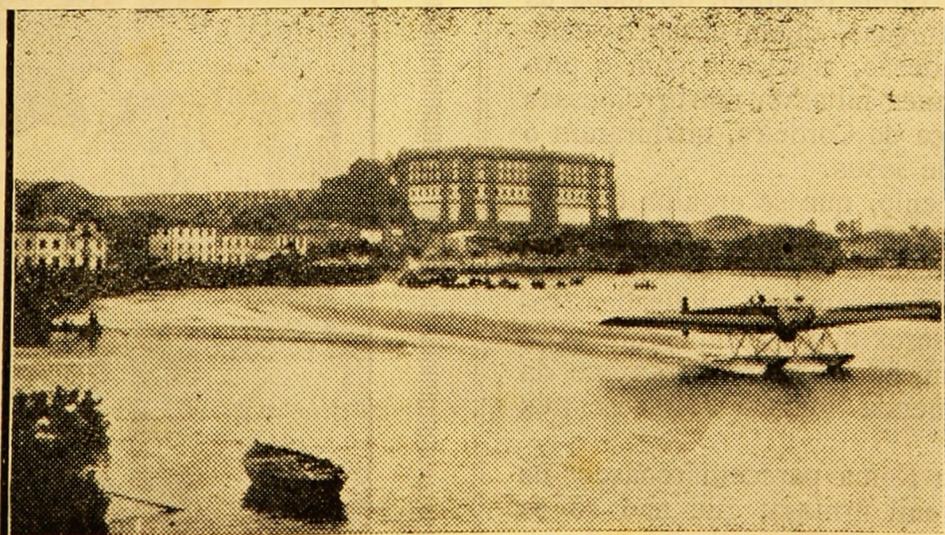
Uma cruz Tibanense (anverso)

Uma cruz Tibanense (reverso)

lizadora portuguesa não nasceriam no Capitulo Tibanense!

O culto tão particular que se presta à Cruz, e aqui no Minho é em dia de Pascoa notabilissimo, acusa, nas suas modalidades, uma influencia benedictina, para quem a Cruz era o supremo sinal da salvação: Crux erit mihi salus. E de tal modo a indole liturgica da ordem entrava na vida social que ainda hoje a entrega do sagrado emblema da Redenção ao Mordomo a quem é confia-

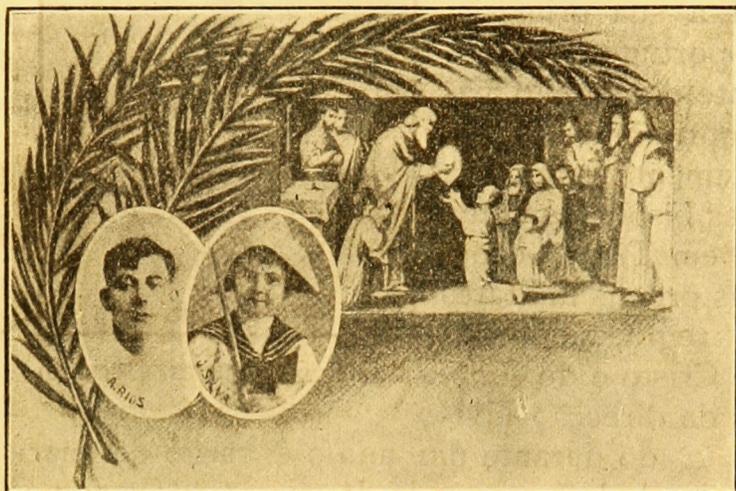
do durante um ano o encargo de guarda-la e arvora-la dá ensejo a festas populares nas veigas circundantes do antigo mosteiro beneditino, viuvo, desde a revolução liberal, das cogulas que albergaram seus muros durante tantos seculos e que durante tantos seculos nas letras, nas sciencias, nas artes, e até nos mesteres, lentamente, suavemente, como o gotejar de purissima fonte, brotaram o caudal da moderna civilização.



Vila do Conde — Casa de correção

A Paixão do Mexico

Jesus abrindo os braços no lenho da Cruz completou por uma só vez a Redenção. Mas importa que os membros do seu corpo místico, a Igreja, se entreguem, do mesmo



MEXICO — Crianças martires — A. Rios, e J. Silva.

modo, misticamente à morte, morrendo para o pecado, e ressurgindo, com Ele, para a vida da graça.

Identificados com Jesus Cristo, importa que os cristãos, como S. Paulo, completem o que faltou aos sofrimentos de Jesus. Não que faltasse coisa alguma ao seu infinito valor, mas sim porque, sendo de valor infinito, são ineficazes a respeito de cada homem, individualmente, se este não adere, por um acto da sua vontade, à divina obra da Redenção.

E nunca na Igreja faltaram, de todos os povos, tribus e línguas, quem desse o testemunho dessa adesão, rubricado com o proprio sangue. Nunca faltaram martires, esses que à semelhança do Cordeiro, misturaram o seu sangue ao de Jesus.

E neste seculo, que se orgulha de conquistas da civilização, está o Mexico a passar a sua sexta feira santa. No Mexico, a despeito das leis falsamente civilizadas, renasceu a sanha feroz que os imperadores de Roma mostraram no primeiro Parasceve da Igreja, essa tremenda Semana Santa de tres seculos.

E como em Roma parecem renascer os prodigios de varonil firmeza, que não só os homens feitos, mas gentis meninas, e donairosas crianças mostram possuir na confissão da fé.

Em uma povoação mexicana, fugidos os sacerdotes, uns, outros presos, trataram os catolicos de salvar as Sagradas Especies. Com delicadesa suma, julgando-se indignos de tocar o Senhor, fizeram que uma menina de poucos anos abrisse o Sacrario e distribuisse a todos a comunhão. Esse episodio da perseguição, essa diaconisa pequenina faz lembrar o terno idilio do jovem acolito S. Tarcisio, recebendo das mãos do Papa Santo Estevão o Sacramento do altar e transportando-o entre os seus braços candidos como ramalhetes de açucenas.

Várias crianças católicas têm sido mortas na perseguição do México; são muitas já! Entre elas, J. Silva, preso em Arandas ao mesmo tempo que as tropas católicas. Nesse dia de sangrentas execuções foi igualmente morto Agostinho Rios, que antes de morrer sofreu a agonia da morte, como Jesus em Gethsemani, vendo antecipadamente, na carniceria com que foram mortos seus amiguinhos, a barbaridade com que a éle, horas depois, o haviam de martirisar.

Mártires do México! Sem nos anteciparmos à voz da Igreja, quem pertence atribuir

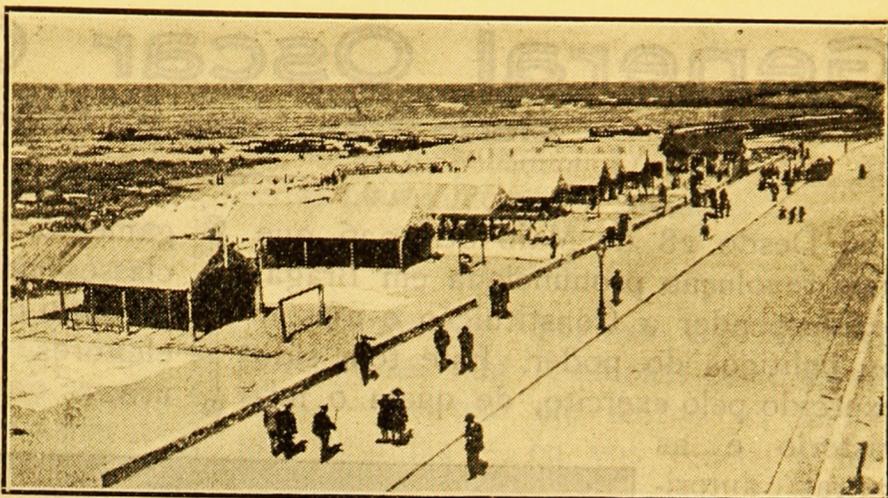


MEXICO — Fotografia pela qual foi reconhecido o P. Solá como sacerdote.

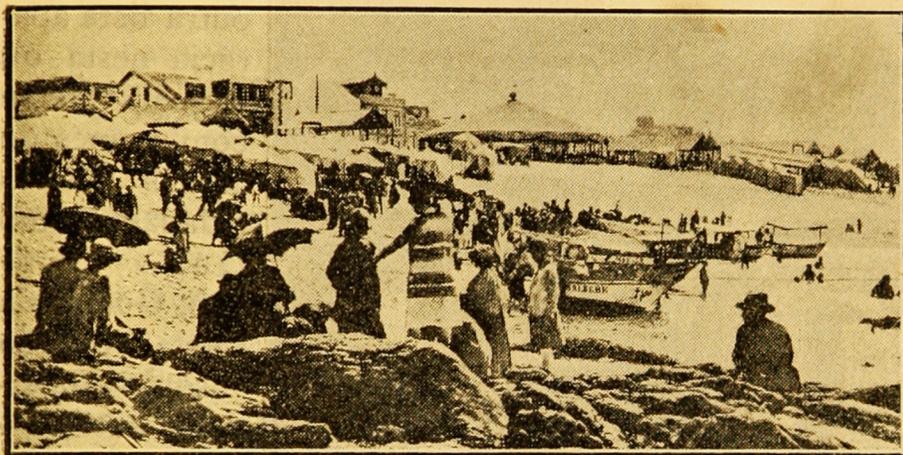
o título, bem podemos saudar-vos com o hino tão formoso da liturgia que, — certamente, — um dia vos pertencerá. « Salvete, flores martyrum! » *

O clero tem sofrido em grande parte, o peso da perseguição mexicana. Um deles o P. Solá, missionário do Coração de Maria.

Durante muito tempo êle e outro companheiro, o P. Rangel, andaram pelas terras mexicanas, cumprindo a sua missão sacerdotal. Surpreendido o P. Rangel, foi preso.



Povoa de Varzim — Avenida dos banhos



Povoa de Varzim — Um trecho da praia de banhos

O general que o tinha em ferros, como umas senhoras pedissem licença para levar alimentos ao prisioneiro, fingiram dar-lha e seguiram-nas, descobrindo assim o lugar onde estava o P. Solá. A identidade d'êste foi descoberta por uma fotografia que aprenderam, e na qual êste aparecia revestido dos ornamentos sacerdotais e dando a primeira comunhão a uma criança.

O P. Rangel, ao ser executado teve uma rápida morte. Não teve assim o P. Solá, cuja agonia se prolongou três horas. Era a semana santa do ano pretérito...

Assim não falta nunca na Igreja o testemunho sangrento da fé, o martírio, à semelhança do Mestre divino que verteu o sangue precioso, há vinte séculos, numa tarde soturna e entenebrecida de Parasceve.

Vergonha da civilização que o consente, glória da Igreja martirizada, o México atravessa o seu Parasceve tremendo. Veneremos os heróis, e para os nossos irmãos mexicanos possa raiar em breve o dia de festiva Páscoa!

esse costume em cortezia. Por quanto os romanos, por todas as provincias do seu imperio, usavam o mesmo que na corte, descobrindo a cabeça nas consultas, e em juntas e praticas. E daqui, quando se falavam e topavam, descobriam tambem a cabeça. Dos quais se foi tomando este uso de descobrir-se.



Povoa de Varzim — Mercado do Peixe

Temas classicos

Crispo — Folgára saber, isto de tirar o chapéu por cortezia, donde teria principio, pois não parece pergunta despropositada do que imos tratando.

Galacio — Plinio, na sua historia natural, no-lo diz. Que em Roma, no senado, se mandou por lei que ninguem podesse votar senão assentado, e descobrindo a cabeça, para desencalmado e sossegado poder votar mais livre. E daqui se foi fazendo e convertendo

General Oscar Carmona

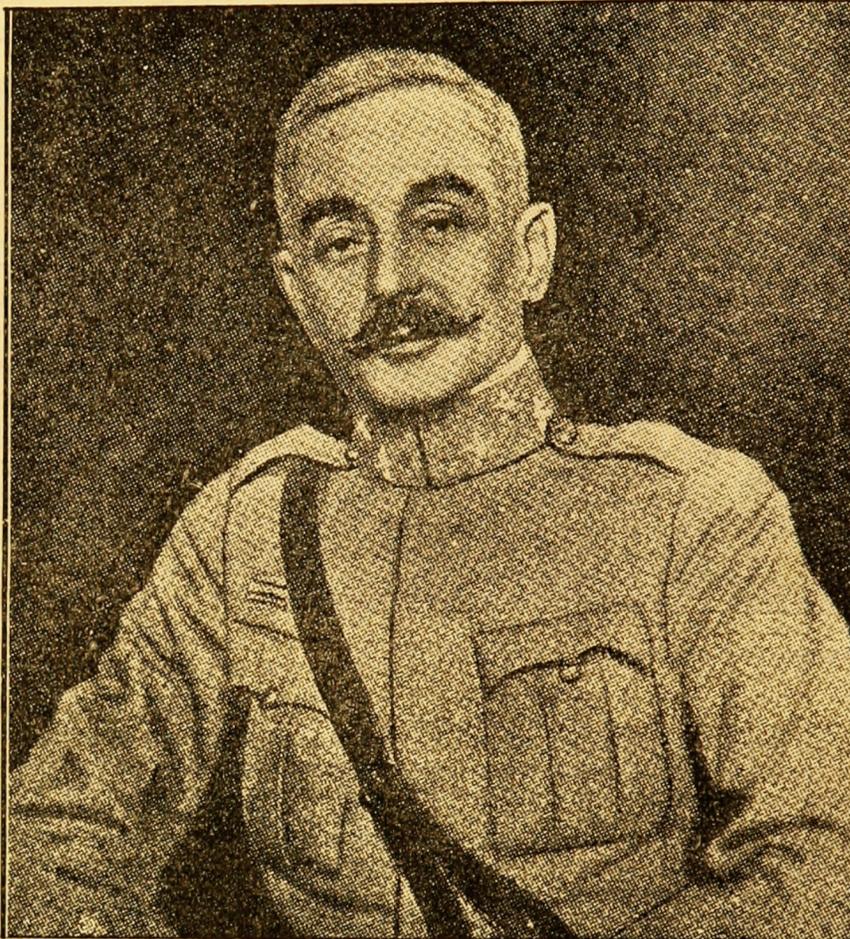
Eleito Presidente da Republica

Desde 28 de Maio de 1926, que uma revolução pronunciada em Braga, fez suspender a Constituição e afastar os politicos do poder. Este tem sido exercido pelo exercito, de quem o ministerio e as outras autoridades se consideram delegados.

Entendeu, porem, oportuno o governo chamar, neste momento, o povo à consulta das urnas, uma especie de plebiscito que seria a eleição directa do Chefe do Estado. Só com Sidonio Pais se fizera um acto semelhante. Nessas eleições, porem, foi menor o numero de elei-

tores, que para o general Carmona subiram a mais de 700 000, porque o alar-

gamento do voto a muitos cidadãos e classes antes privados desse direito, permitiu que uma maior quantidade de eleitores respondesse à consulta das urnas.



O general Carmona, foi, praticamente o unico votado; apenas uma ou outra lista apparecia nesta ou naquela terra com nomes de alguns illustres cidadãos como Gago Coutinho, Gomes da Costa, Antonio José de Almeida e outros, significando tão somente uma homenagem pessoal.

O novo eleito deve ser proclamado em 15 de Abril. Que tenha um

governo proveitoso para o interesse nacional, que é o que mais havemos mister.

CLARÕES DE EPOPEIA

(Figuras e feitos históricos — Oração)
DISCURSO

Ao folhear as páginas imortais da História de Portugal — sôbre as quais adeja sempre uma poalha de ouro que deslumbra e arrebatá — vêmos passar diante da nossa vista, como projectadas num *écran*, em ronda de séculos, em cortejo de glórias, em soendida revoadá da sônho, os vultos culmíneos, quási lendários de Vasco da Gama,

Pedro Alvares Cabral, Mestre de Aviz, D. Afonso Henriques, D. Sebastião, Infante D. Henrique, Luís Vaz de Camões, e, já nos nossos dias, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, Brito Pais, Sarmiento de Beires e Manuel Gouveia — caravelas de velas brancas esmaltadas com os traços vermêlhos da Cruz de Cristo e guiadas pela aventura, ar-

roteando o dôrso revolto e glórico dos mares desconhecidos; uma espada tingida do sangue dum traidor à Pátria; arnezes, capacetes e elmos, flamulas desfraldadas e loucas correrias de corceis sob o céu azul e amêno de Portugal e sôbre verduras de terras portugêsas, ou sob o céu sangrento e ardente de Africa e sobre areais ásperas de terras africanas; um homem sobre uma escarpa que, com um mapa enrolado numa das mãos e com a outra recurvada em pala sobre os olhos, mira lá ao longe — lá onde a esmeralda do mar se casa com a torquesa do Céu numa vaga bruma de esperança — um triângulo de setim que adeja sobre as águas, como um sonho adeja sobre uma fonte adormecida; inspiradas instancias que cantam e gritam ao mundo inteiro as nossas fundas glórias; águias gigantescas que voando um voo épico por entre estrelas, passam sobre o mar cheio de raivas, ou por cima de desertos empanados de espêssas nuvens de areia, que o quente e doentio *sinum* vai levantando do solo escaldante . . .

Tudo isto, e muito mais ainda, nos encanta e nos exalta, — ao folhear devagar e de olhos em extase as lendas doiradas, imortais e belas da Historia Portugêsa, em que num fúlgido lampejo perpassa, atravez oito séculos, um longo rosário de epopeias, e ao sol quente das batalhas se parece escutar, como troando de vale a monte, uma rajada de clarins . . .

E ao ler tam belas coisas, no musicado ritmo das linhas parece-nos ouvia a voz enorme dessa longa imensidão de águas, luzentes como um fado, embalantes como um berço, más como o inferno, em cujas ondas de espuma balouçaram as naus do Cabral e do Gama . . . o mar de águas tam lindas

que levou os nossos navegantes às verduras esmaltadas de Vera-Cruz, às férias maravilhosas da India! . . .

*

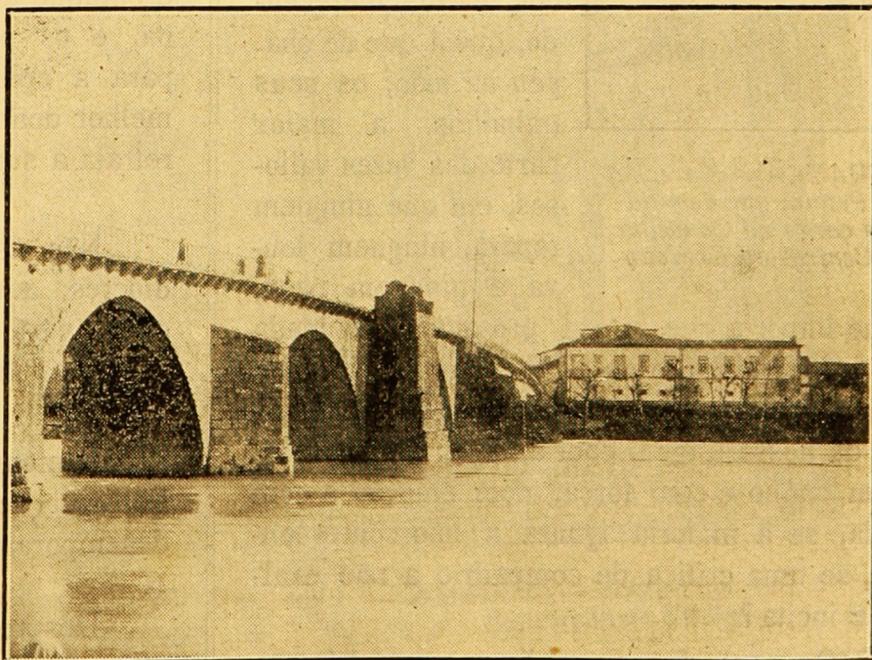
Luminosas paginas da História Portuguesa, tam luminosas como as da Biblia — porque em ambas as lições são fecundas —, eu vos venero e osculo; sempre fostes o meu Breviário, e sempre vos li e hei-de ler e meditar, quer nas manhãs radiosas da terra, à sombra duma macieira em flor, quer nas tardes nostálgicas em que o sol desaparece atraz duma montanha, ou agonisa no fundo duma planície, ou se submerge no mar como uma grande gema de ovo.

Vós, paginas augustas e poémicas, por muito que vos leia tereis sempre para mim a frescura duma madrugada, e para mim sereis sempre ungidas dum perfume de heroismo.

1927

SEVERINO LEITÃO

Esta deu-se com Stanley, *si vera est fama*. Uma senhora perguntou-lhe:
 — Tambem viu leões em Africa?
 — Por certo! Com oculos.
 — Mas com?! Com oculos!
 — Nem mais nem menos. Vi-os pelos meus oculos.



PRADO (Braga) — Ponte sobre o rio Cavado

OS NOVOS

NÃO será já novidade o afirmar-se que o campo literário dos *novos*, em Portugal, se divide hoje em dia em duas hostes estruturalmente antagónicas: a dos que servem a Literatura e a dos que da Literatura *se servem*.

Os primeiros, porque conscientes do que a si próprios se devem, não estão dispostos a



FRANÇA — Marechal Petain, que demitiu o cargo no Conselho Central do Exército

transigir com um público ignorante e grosseiro, a abdicar das suas crenças ou a participar da onda de preversão moral que varre o mundo de leza-lez, vendendo a dignidade do seu espírito e as lições dos seus Mestres pelos trinta miseráveis dinheiros de Judas, andam, doloroso é confessá-lo, pela redacção dos jornais ou das revistas, pelos escritórios dos editores ou pelo palco dos teatros oferecendo, quasi que de chapéu na mão, os seus trabalhos, a maior parte das vezes valiosos, em que ninguém repara, ninguém louva e ninguém paga.

Que importa que a sua prosa seja moldada no mais puro ouro da forma e no cristal mais límpido das ideias, vazada na pureza clássica da nossa língua, com alma e com nervos, com cunho e com força, com emoção e com vida, se a maioria ignara a não compreende, se uma crítica de compadrio a não exalta e incita?

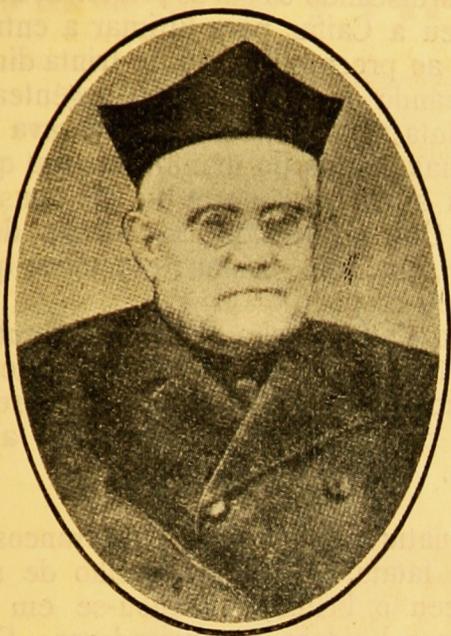
Os segundos — aqueles a quem há pouco tempo, ainda, o nosso querido Camarada

António Teixeira Pinto apelidava nesta mesma revista e num artigo magnífico, repleto de justiça os *vendilhões do templo* — porque da integridade moral dos seus escritos não fazem questão, transigindo com a febre do devairo e loucura que assinala o momento que decorre, pactuando, com a ignorância e os baixos instintos de uma multidão amoral e prevertida, porque perante ela se dobram em curvaturas de vassalo, sóbem, galgam, impõem-se e dominam. Reflexo flagrante da crise actual, êles reproduzem, como a mais viva e animada fotografia, dentro da sua maneira literária, todos os múltiplos defeitos que a caracterizam. No fraseado ôco das suas páginas, no malabarismo confuso dos seus períodos, a Banalidade é a única Rainha. Ideias? Problemas psicológicos? Estudos sociais! A apologia das belas doutrinas? A defeza apaixonada de Deus? O culto veemente da Pátria? Nada disso. O materialismo, rei e senhor. A vida encarada no seu aspecto mesquinho. A psicologia tentando penetrar o mistério dos anormalismos mais repugnantes e das almas mais frustes. O jazz soa diabólico, com silvos de serpente e batuque de selvagens nalguma selva africana, e os pares enlaçam-se volutuosamente para a eplepsia do *charleston*. Eis o que melhor define a sua prosa; eis o que melhor retrata a sua personalidade intelectual.

Não estranhemos pois o triunfo dos mediócrs, aquele mesmo triunfo, que com tão clara visão, Paul Abam presentiu, há já bastantes ânos,

Lamentemos apenas aqueles que em Portugal se votam de alma limpa e espírito desemporeirado à vida das Letras.

Desprovidos inteiramente de todo o auxílio, quer parta do Poder Público, da Academia, ou das *coteries* literárias, não mere-



J. B. FERRERES, S. J., celebre moralista, eleito doutor honoris causa de Lovaina.

cendo o olhar desdenhoso e desatento da multidão, ao itinerário desses novos está marcado, quasi sempre, como único epílogo, o abandono completo das lides literárias. E isto, originado a maior parte das vezes pela miséria material a que os conduzirão os esforços inúteis e mal remunerados da penúria.

Não se julgue, porém, uma questão insolúvel, esta que nós vimos de apontar, num momento de desânimo e de dúvida. Não. A inversão absoluta de valores que se deu, máu grado nosso, na sociedade portuguesa, formou-se, como não podia deixar de ser, no pedestal da mediocridade.

Cabe, incontestavelmente, às secretarias do Estado, à Academia, aos grupos de « consagrados » que gastam o melhor do seu tempo na prática do *elogio mútuo*, a missão de, num trabalho de flagrante justiça, separarem o trigo do joio, exaltando, incitando, e premiando os esforços honestos e as intenções nobres.

Mas não só a esses compete essa obra meritória, porque há mais cúmplices nesse crime de lesa-literatura, de lesa-nacionalidade. A solução do problema encontra-se também na mão dos directores dos nossos jor-

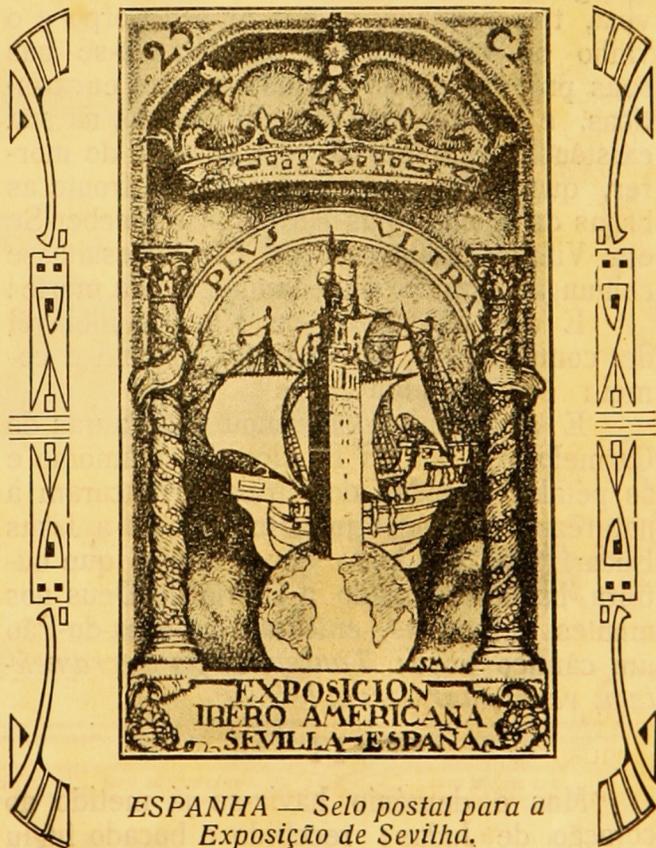
nais, das nossas revistas e magazines, a quem, salvas exceções raras, não será pretensão recomendar um mais vasto critério de escôlha dos seus colaboradores. E os próprios livreiros não terão muito de que se penitenciar, também ?

E' certo que cada país tem a literatura que merece. E' certo que em Portugal só se vive da coscovilhice política e que a literatura passou de suprema orientadora a triste orientada.

Com o desaparecimento de uma privilegiada geração literária, Portugal conta, no entanto, hoje em dia, nomes que se não são universais é porque nasceram num país, onde, no dizer verdadeiro de António Nobre, é uma desgracia nascer-se. Entre as fileiras nacionalistas a que nos honramos de pertencer cujo mote de guerra é o de « por Deus e pela Pátria », desabrocha esplendorosa a mais luminosa primavera.

Impõe-se, portanto, que se faça alguma coisa. Afaste-se, de uma vez para sempre, do campo literário, a onda dos banais. Escreva-se um estudo sôbre os novos. Alente-se, de qualquer fôrma, o ideal literário. Sejam chamados, enfim, ao redondel, quantos, sendo a negação absoluta da hora que passa, nos garantam Beleza na hora de amanhã.

Cláudio e António Correia d'Oliveira Guimarães.



A lua brilhava com nívoo resplendor no céu de Jerusalem. Era fria aquela noite: o Cedron ia de salto em salto rumorejando uma fiúebre melopeia, como se repetisse as elegtas tremendas do Profeta. Do Libano corria aravés da Palestina um vento sibilante como as frases cominatorias de Isaías. Nas alturas, porém, estrélas marchetavam o azul carregado dos céus, e dos vales subia o delicado perfume dos lírios, que se casava com o aroma do cinamomo e do bálsamo nos jardins de Salomão.

Jerusalem adormecia, pejada de forasteiros, que era a festa da Páscoa: os anhos sem mancha e aneiros sacrificados aquela tarde, eram já consumidos no ritual banquete, que os judeus comiam apressados, empunhando bordão viajeiro, e em traje peregrino a recordar-lhes a sua entrada na Terra Prometida, a épica saída de Gizeh, a passagem do Jordão, cujas águas se abriram perante a Arca do Senhor, dando caminho ao símbolo do seu domínio.

E aos olhos dos melhores israelistas acudiam lágrimas: é que enquanto cumpriam a velha tradição, ressoavam a seus ouvidos os passos cadenciados da sentinela romana, que se perdia na sombra projectada sôbre o têmplo pela Torre Antonia.

A lua ia muito alta, em nívoo plenilúnio.

E Jesus ceava com os doze. E cumprida que foi a cerimónia ritual, comido o cordeiro sem mancha e aneiro, realizou êsse milagre de amor da transubstanciação divina, transformando o pão no seu Corpo e o vinho no seu Sangue, sustentando-se nas suas próprias mãos, sob as espécies eucarísticas, e comungando-se a Si próprio, na sua existência sacramental. Na véspera de morrer, quando já assomavam à sua frente as bagas da agonia, quis Ele próprio receber-Se em Viático, como se até Ele necessitasse comungar para afrontar o momento da morte!

E deu aos doze, em Mistério inefável de comunicação eucarística. «Tomai e comei: êste é o meu Corpo!»

E as brisas do Hermon e as auras do Carmelo roçando as frondes do cinamomo e as pétalas nevadas dos lírios, arrancaram à natureza o primeiro incenso ofertado a Jesus Eucarístico, enquanto que os anjos que outróra haviam cantado a Glória de Deus nos montes betlemitas, entoaram na casa-do-Pão um cântico novo: *Tantum Ergo Sacramentum, veneremur cernui!*

II

Mas o demónio havia-se já metido no coração de Judas: recebido o bocado fugiu

logo, mordiscando-o com as primeiras dentadas. E correu a Caifaz para ultimar a entrega do Mestre ao preço vilíssimo de trinta dinheiros.

Quando já contados em argêntas moedas, trinta síclos, Judas se preparava a guardá-las nas dobras do manto, reparou que conservava ainda uma parte do pão consagrado.

— Olá, Caifaz, que a entrega deve ser total, e em boas contas: ele disse que *isto* era o seu corpo!

Ora Caifaz era o Pontífice daquele ano e profetizava por isso. Colheu indiferente o Pão eucarístico, e esqueceu-o sobre o altar da proposição, em frente ao altar do incenso.

III

A natureza estremece em arrancos e convulsões fatais. O sol, vermelho de sangue, amorteceu o brilho, e tornou-se em trevas, em trevas lívidas, aterrorizadoras. Cruzam-se os relâmpagos no céu obscuro, e à sua luz fosforecente sucedem trevas mais pesadas. Nos flancos do Golgota rolam os penedos que o terramoto desprende das cumiadas. As avesinhas, a princípio espavoridas, acabaram por poisar onde quer, e soltam pios confrangedores. Balem rebanhos inteiros de mansos cordeirinhos; quebram os talos dos viçosos lírios; o trovão ronca a espaços. E a voz do Mártir divino profere, calma no meio da universal perturbação, as palavras com que o salmista profetizara os tremendos sucessos daquele dia: *Eli, Eli, lamma sabachtani...*

E de novo a terra estremeceu, de novo o relâmpago sulca as profundezas do céu, e do Libano soltam-se furacões que passam numa rajada temerosa por toda a terra da Judeia. E a Víctima expira...

Então o véu do têmplo, scindido de alto a baixo por invisíveis mãos, descorre-se para o lado, e os israelitas devassaram com os seus olhares, pela primeira vez, o Arcano do Santo dos Santos.

Caifaz tinha acorrido ao têmplo, porque era a hora do sacrifício vespéral, que as trombetas de prata anunciavam já no cume do Moria. Quando o véu do têmplo se rasgou, e descorreu patenteando o Santuário à vista do povo, uma força invisível o fez tombar por terra; fixou assombrado o que os olhos viam e a sua intelligencia não podia compreender.

No logar onde devia estar a Arca da Aliança, coberta pelo Propiciatorio, viu, despedindo fulgores, a Hostia consagrada que Judas lhe tinha entregado, e, dominando o bramido do trovão, ouviu uma voz que se lhevia uma sentença mortal: *Et antiquum documentum, Novo cedat ritui.*